



UM TYPO DE BELLEZA HESPAÑOLA

N.º 278 Lisboa, 19 de Junho de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑOLA

Anno, 4\$800—Semestre 2\$'00—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PYSIONOMISTA DA EUROPA



Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Deslartrolles, Lambroze, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principa s cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numero os clientes da mais alta cathedra a quem pre-

disse a queda do Império e todos os acout cimentos que se lhe seguirão. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consulta diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 18000 rs., 28500 e 58000 rs.

PARA ENCADERNAR A

«Illustração Portuguesa»

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **segundo semestre de 1910** da *Illustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviaem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sel'os em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração do *SEculo*—Lisboa

COMPANHIA DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:	
Ações.....	360.000:000
Obrigações.....	323.910:000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400:000
Reis....	950.310:000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermito (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produçãõ annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressãõ e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonico: Lisboa, 605—Porto, 117.



NÃO NECESSITA AFIAR NEM ASSENTAR

Mais de quatro milhoes

de Machinas "GILLETTE" estão em uso entre as classes mais distinctas da sociedade em todas as partes do mundo.

MANEJO FACILIMO. ENORME ECONOMIA.

ABSOLUTAMENTE SEM PERIGO.

NÃO EXIGE APRENDISAGEM. MUITISSIMO HEGENICO.

TOMAR EM CONSIDERAÇÃO AS LAMINAS CURVAS

A machina completa triple-prateada, em um lindo estojo de coiro, custa completa com 12 laminas ou sejam 24 gumes,

REIS 5.000

As machinas "GILLETTE" e laminas de sobrecelente vendem-se em todas as boas lojas de ferragens, quinquerias, perfumarias, etc., e principaes Cidades do Paiz.



O Legislador da Republica

Ao accentuarem-se as melhoras do ministro da justiça, chegam de toda a parte noticias de manifestações de regosijo; o povo espontaneamente prepara festas e de todo o paiz veem cartas e telegrammas na affirmação do maior carinho pelo doente.

Que significam essas manifestações?! Que Affonso Costa soube entrar na alma da multidão. E' um vencedor! E' um homem que sabe querer e sabe realisar.

Basta, mesmo le-



O dr. Affonso Costa, ministro da Justiça do Governo Provisorio da Republica



O dr. Affonso Costa discursando n'um comicio do tempo da ditadura franquista

vemente, investigar a sua vida.

Na Universidade, onde só dobrando a espinha se consegue chegar, v u esse homem forte triumphar, pelo seu talento. Quiz ser lente e foi lente. Depois, quiz ser um grande advogado e o paiz sabe o que elle conquistou em alguns annos na sua profissão.

O Porto conhecia esse estranho artista da palavra, erudito e violento, logico, dominador, que nas audiencias levava tudo de vencia, e só repousava quando conseguia restituir á liberdade aquelles que

lhe confiavam a sua defeza. A sua fama alastrava, e um dia, Lisboa viu tambem Affonso Costa nos seus tribunaes. A sua voz forte resoava já na politica; o partido republicano, que então se reconstituia, com os elementos novos, contou-o desde logo na sua primeira linha. Emtão, o advogado illustre, tornou-se no tribuno indomavel.

Parecia feito em bom bronze esse denodado e heroico luctador. Em todos os comicios ia dizer ao povo o que era a monarchia. Era uma rajada; era uma devastação. Todo o seu talento vibrava mais na tribuna popular do que mesmo no tribunal, e assim, n'aquelles arrancos, ia semeando com mão prodiga e acertada, a destruição do velho e decrepito regimen.





Na tarde de 5 de outubro, visitando o acampamento da Rotunda

Finalmente, em viagens de propaganda pelo paiz, os povos acorriam a ouvi-lo, e por toda a parte deixava o germen da revolta. Catechisava; convencia, dominava. Quiz ser o maior tribuno da Republica e foi-o.

Para elle se voltavam todas as attentões, todos os olhares, expontaneamente lhe reconheciam uma incontestavel superioridade.

Quando o Porto o elegeu deputado elle veio, com Paulo Falcão e Xavier Esteves, continuar no parlamento a obra destruidora que realisava nos comicios. Fazia estremecer os governos. Conta-se que D. Carlos, passada essa legislatura, disséra ao seu presidente de conselho ser necessario não virem mais republicanos á Camara. Era sempre aquella figura de destaque a dominar.

No fundo d'esse homem ha, além das qualidades exteriorisadas, um grande talento de politico, talento bem differente do d'um simples caudilho.



Visitando o recolhimento S. de Domingos de Bemfica



O sr. ministro da justiça
interrogando no Arsenal uma senhora
estrangeira que fazia
parte das congregações religiosas

Ao começo julgavam-no apenas um orador indomável, por fim reconheceram que estava n'elle um estadista.

O partido republicano tinha oradores brilhantes, jornalistas, escriptores, mas faltavam, como de resto aos outros partidos, os homens d'Estado. N'essa primeira legislatura de Affonso Costa o parlamento reconheceu-o como tal. Os deputados monarchicos de maior envergadura, e alguns ministros diziam ao seus inimigos:

—«Este não é um palrador apenas. Sabe profundar as cousas. E' o estadista.»

Os proprios inimigos o consagravam.

Conhece-se bem toda a sua acção na camara. Foi elle o deputado que mais golpes vibrou na monarchia. Não se dominava esse homem que as galerias escutavam tremulas de enthusiasmo e os adversarios com um supersticioso respeito. Nunca se lhe respondia com a fé que elle empregava nos seus discursos. A' monarchia faltava realmente essa grande qualidade salvadora. Os seus homens eram falhos de crença, tão falhos que nos dias das batalhas parlamentares não surgia um paladino bravo como nos dias das batalhas nas ruas não houve um defensor heroico



O dr. Affonso Costa
no dia da sua visita ao Asylo
de Alienados na Idanha



1—Na despedida do sr. Antonio Luiz Gomes, ministro de Portugal no Brazil
2—O ministro da Justiça com o governador civil do Porto no collegio das Dorotheas
3—Na viagem triumphal ao Porto: O ministro aclamado pelo povo



Sem o gesto de Paiva Couceiro, dir-se-hia que era um accordo tacito, nascido bem no fundo das consciencias, em frente dos descabros. Quando chegaram os dias da dictadura, o maior dos combates se travou, e n'elle esteve sempre o illustre caudilho, a quem a Republica deveria a mais bella parte da sua obra.

Quando foi necessario sahir do campo da oratoria para o da conspiração, elle lá estava, entre os mais denodados, como em 28 de janeiro. Era um inimigo terrivel, tanto n'um campo como n'outro.

Vieram os dias do ephemero reinado d'essa sombra de rei, que foi D. Manuel II, e Affonso Costa continuou sempre a cons-



O duello do sr. Affonso Costa com o sr. conde de Penha Garcia



Na viagem ao Porto: Affonso Costa saudando a multidão



Na visita ao hospicio das irmãs das Pobres no Porto

pirar. Acorria aos comicios, á camara e á conjura. Lisboa adoptara-o, confiára-se-lhe.

Fez-se a Republica. Era tanto uma aspiração, que quasi não houve protestos. Affonso Costa é o ministro da justiça, e todos os dias o povo o applaudia nas ruas com vivas e com palmas a cada decreto que assignava.

As leis sobre as



- 1—Uma lomba da serra da Estrella vendo-se no alto o chalet do sr. Affonso Costa
 2—A villa Alzira na Serra da Estrella
 3—O sr. dr. Affonso Costa com sua familia na serra da Estrella

congregações, a expulsão dos jesuitas, essas decisões que era necessario tomar sem receios, sem temer nem as vinganças nem os commentarios, tomou-as elle.

O povo sentia o seu homem, o seu estadista, que com um gesto de bravura respondia por fim a tudo que se dizia





1—A continência ao ministro

amigo dos seus padres defendel-os-hia e naturalmente uma agitação iria rebenotar. Affonso Costa sorriu desdenhosamente e um dia deliberou visitar a Roma portuguesa, dizer da justiça da sua lei. Disse-o e foi; Braga recebeu-o com o mesmo entusiasmo que por toda a parte se desenvolveu e o ministro sentiu coroada a sua obra.

E' de este homem, cujo perfil aqui fica levemente esboçado, que Portugal tem

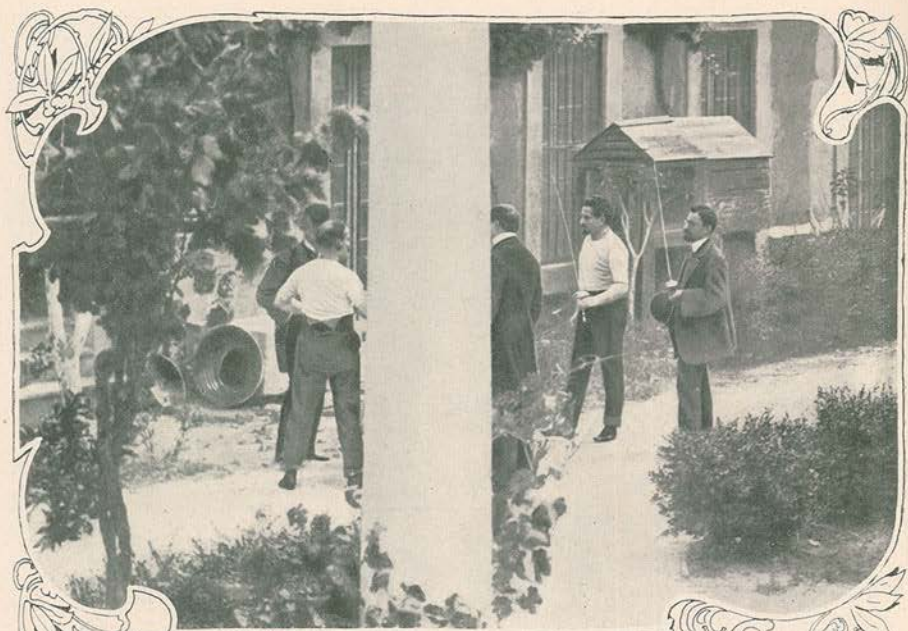


2—Falando ao povo

da janella do gabinete
3—No dia do embarque de seus
filhos para o estrangeiro

sobre os effeitos d'essas leis, Braga, a catholica, decerto não accitaria a lei da separação da igreja do Estado; o norte tão





1—O duelo com o sr. Alexandre de Albuquerque



2—Affonso Costa



2—Affonso Costa em 1902

muito a esperar, porque se o seu talento e as suas qualidades de estadista são enormes, enorme é também a energia de que tem dado exuberantes provas.

O seu grande passado ahi está a afirmar o que deve ser o seu glorioso futuro.



4—Caricaturas do sr. ministro da justiça (Gichês de Benoitel)



Affonso Costa sabe querer, e saber querer é triumphar de todos os obstaculos.

CAMOËS; O NOVO SANTO DE LISBOA

A comemoração do tri-centenario de Camões em 1880 foi tão grandiosa a afirmação do rejuvenescimento nacional que até em seus menores detalhes se cuidou de reparar bem quaes as entidades dignas de entrarem nas sub-commissões das festas. Houve um grande escrupulo em reconhecer jornalistas e homens de letras do acaso, soube pôr-se a distancia e a tempo amadores d'esses misteres e assim sob a égide dos grandes homens nacionaes Camões se celebrou.

Theophilo, então em plena phase gloriosa, Magalhães Lima, o vivo jornalista de combate, Ramalho Ortigão, o estylista incomparavel, o critico audaz, Pinheiro Chagas, romancista applaudido, dramaturgo adorado, orador que se escutava em arrebatamentos, eram com Luciano Cordeiro, Eduardo Coelho, visconde de Juromenho, Rodrigues da Costa e Jayme Batalha Reis, os organizadores d'essa festa civica de renascimento.

Camões, symbolo, da nacionalidade, era evocado n'um momento solemne, quando as forças vivas da nação se buscavam unir para uma tentativa de resurgimento. Victor Hugo saudava do seu throno de glorias o povo portuguez e o seu épico e quando n'esse dia quente de junho come-

caram a desfilar as cento e quatro aggremações de que se compunha o cortejo, Lisboa sentiu bem não ser uma festa banal a que ia assistir.

O povo teve pela primeira vez, após uns annos de modorra constitucional, um momento de dignidade, de altivez, como se aquella celebração lhe tivesse acordado a consciencia collectiva.

A familia real devia assistir á festa n'um pavilhão armado no Terreiro do Paço. No meio das salvas, no tropel dos piquetes, na ruidosa aclamação do povo á memoria de Camões, D. Luiz, gordo, balofo, ialava com José Luciano. Um momento, distrahido, voltou as costas á multidão louca de entusiasmo e houve como um movimento de espanto.

—O que?! O rei quando se celebra a propria Patria vira as costas ao seu povo!?

Fôra decerto uma inadvertencia mas ia pagal-a d'aquella maneira que os povos teem para castigar os reis: o silencio. As collectividades iam desfilaro diante da tribuna real e nenhuma, a não serem as dos empre-

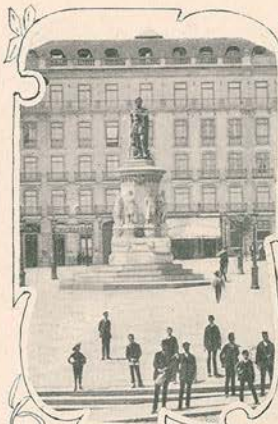
O «Camões»
de
José
Malhoa



gados do Estado saudou o rei.

Na noite seguinte, foi mais ousada a manifestação.

Uma das partes dos festejos era o espectáculo de gala no circo Price. Deviam apparecer os bustos das glorias nacionaes, todos esses heroes da conquista e da navegação, os grandes guerreiros e os grandes marinheiros que formam o passado heroico de Portugal. A medida que as suas figuras venerandas surgiam reboavam extranhamente os applausos, soavam as acclamações. Mas de repente, todos se erguem n'um brado indignado, n'um



grito de protesto. Aparecera o retrato do rei. Assim se celebrou o tri-centenario de Camões em 1880.

A sua estatua ficou ali como a d'um deus lar para ser adorada nas horas de alegria, para se evocar com lagrimas nos momentos das desventuras e foi assim que, por occasião do *ultimatum*, um grupo de rapazes, passando atravez de todos os subterfugios, cobriu de crepes as figuras que rodeiam o epico.

O povo comprehendeu desde então, mais do que nunca, o que significava aquelle acto. Depois parece tel-o esquecido pouco a pouco

A proclamação da Republica devia ter dado motivo a uma grandiosa festa a Camões. Era logico, era justo, era de esperar até que assim succedesse. Bastava ter-se seguido o programma da outra, da que se fez em 1880 e ter solicitado dos grandes escriptores e dos grandes artistas nacionaes a sua collaboração.



- 1—Praça o estatua de Luiz de Camões
- 2— Monumento a Camões
- 3—Praça Luiz de Camões
- 4—«A Fonte dos Amores» baixo relevo de Simões d'Almeida



Aquelle ar que esta teve, naturalmente desapareceria e pela imponencia, pela grandeza, pela sua constituição esse cortejo ficaria na nossa memoria d'uma fórma mais significativa que o de 1883) em que se procurava avigorar uma nacionalidade agora a caminho de todos os progressos desde que nos juntemos para a sua realisação.

Camões d'esta vez foi visto mais como um santo popular do que como o deus lar que o tri-centenario de 1880 fez da sua grandiosa memoria. Os factos o attestam e não podem deixar de se registrar.

A tres dias de distancia do Santo Antonio, milagreiro lisboeta, que o povo festeja com fogueiras e descantes, com fogos de artificio e bailes em roda, este anniversario da



1—O episodio de Inez de Castro (ilustração da edição monumental dos Luziadas, de Emilio Biel) 2—O episodio de Inez de Castro pelo pintor allemão K. R. Brullow (da collecção do sr. João Ferreira)



morte de Camões teve celebração quasi idêntica. Não houve maneira de evitar a confusão incrível. Fizem-se ainda conferencias pouco concorridas, alguns jornaes procuram evitar varios numeros do programma, mas debalde gritaram.

Camões ia ser celebrado como um santo lisboeta.

Por todos os bairros se erguiam coretos que recordavam os levantados no anno anterior em honra dos santos populares, n'alguns até ainda havia vestigios das allegorias e das legendas

sacras, todos se preparavam para fazer d'essa noite em que se commemorava o epico uma festa patusca com as recordações dos passados regabofes de bailes e descantes pelas ruas e praças.

Ao cortejo, preparado muito rapidamente, faltou a imponencia requerida, tudo aquillo passava deante da indifferença só rompida ao passar a Associação Gallica e o governo da Republica Para uma e para os outros o povo teve palmas acclamativas O resto desfilava lentamente, falho de figuras conhecidas, atravessava as ruas ao som de philarmonicas sem a grandezza necessario para semelhante acto.

E á noite, as ruas en-



O monumento a Camões, na praça do mesmo nome, em Lisboa, tal como era antes de 1880

cheram-se de povo e de curiosos, rompeu essa gente pelo Chiado, pelas avenidas, por todas as ruas e dentro em pouco surgiram os ranchos com guitarras, violas, soprando em cornetas de barro, em assobios, em gaitas como era d'uso para com o milagreiro Santo Antonio, para com o poetico e romantico S. João das mours encantadas.

A celebração d'essa grandiosa figura nacional fazia-se com o cumulo de se encarecerem para as danças os mercados: abriram então a Praça da Figueira e do Aterro, e o espectáculo foi o mesmo que no anno passado com os santos do povo olvidando-se que era a morte de Camões o facto celebrado.

A cidade que assim se armava em festa, que se engalanava para festejar o anniversario da morte d'um grande homem, do symbolo authenticico da nacionalidade era a mesma que vira desfilar em 1880 o



Camões, retrato do frontispieço da monumental edição Biel dos «Luziadas»

D'esta vez esqueceram-se de tratar com aquelles que mais os podiam elucidar, desde os escriptores aos artistas que trabalhariam do coração n'esta homenagem. Uns iriam, por todas as associações e pelos arrabaldes da cidade, dizer ao povo quem foi



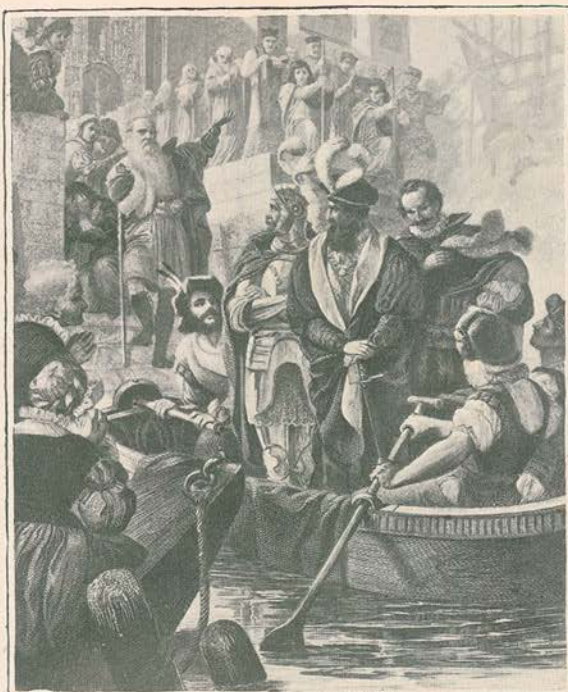
O episodio do Canto VII relativo á sepultura dos companheiros

cortejo civico em memoria do mesmo epico?!

Era sob um novo regimen que que esse movimento se iniciava. Tinham-se esquecido, porém, de doutrinar a povo pela maneira intelligente porque isso se fizera ha trinta e um annos, quando os maiores vultos portuguezes para esse fim concorriam ou antes tomavam a sua iniciativa.



No regresso da India: Os presentes dos reis vassallos ao rei de Portugal



ranchadas em descantes e com balões polychromos, nem os saltos, as cabriolas, essa loucura intempestiva de quem se diverte sem saber bem o motivo porque o faz.

A comparação entre a celebração de agora e a de 1880 é desagradável, demonstrando o pouco cuidado que se teve na escolha de elementos e na ligeireza com que se tratou a memoria d'esse glorioso symbolo da patria.

Um velho que tomou parte em toda essa obra de renascimento, quando sentiu á noite nas ruas a passagem dos grupos vindos de todos os lados da cidade com os seus instrumentos musicos, os seus descantes, os

O episodio do velho do Restello por J. Kostka

esse vulto, iriam ensinar a respeitá-lo, os outros tomariam a seu cargo a parte esthetica das festas e então não veriamos esses maus co-reotsqueservem para todas as homenagens e para todas as fes-

tanças ridiculas, nem essa illuminação banal da praça onde se ergue a estatua do epico, nem essa desfílada inesthetica do cortejo, nem assistiriamos ao cumulo de vêr aberta a Praça da Figueira para o povo ir celebrar, como no Santo Antonio, o anniversario da morte de Camões.

Não haveria nada d'isto, nem as



O episodio do Gama com o idolátra



O presidente da Camara Municipal de Lisboa,
sr. Anselmo Bramcamp Freire, lendo o seu discurso no pedestal
da estatus do Camões



1—O sr. dr. Magalhães Lima fazendo o seu discurso
2—Um aspecto da multidão junto ao monumento



- 1—O Camões, do esculptor Simões d'Almeida
- 2—O túmulo de Camões nos Jerónimos
- 3—A partida para a Ilha de Venus 4—As nymphas recebendo os navegantes

seus versos alusivos a Camões, onde a inventiva po-

pu'ar corria parellhas com a teima de ridicularisar o seu defeito physico, aquelle *fructo acerbo de Marte* a que se referia nos seus versos amargamente, ficou pasmado.

A seus olhos era terrivel o parallelo e dizia-o, diante dos bandos de ovarinas que dançavam em roda dos corretos, ao som das violas que tão bem codizem com esta maneira de ser do portuguez, mas não quando se trate da morte d'uma tão alta gloria.

E' que Camões encarna perfeitamente Portugal. Numa epoca de decadencia fez uma obra de fé, n'um periodo em que o estrangeiro nos vinha dominar. elle achava em si a inspiração para o trabalho salvador, aquelle que se devia evocar depois em todas as epocas, para saudar os reis e tambem a libertação do povo.

Não póde passar despercebido o acto. Uma divida nova se contrahiou para com elle, a qual se deve pagar o mais rapidamente possivel. E' um trabalho que compete aos homens de letras, aos jornalistas, ás academias: é ensinar o povo a ler os *Lusíadas*.
Decerto nenhum





1—O cortejo
passando no Rocio
em frente
do theatro Nacional



2— A Praça de Camões durante
o desfile do cortejo

(Clichés de Benoliel)



3—Um aspecto do monumento
durante o desfile
do cortejo



d'elles se recusaria ir explical-os
por meio de conferencias e de artigos,
n'uma propaganda util e digna para
que os portuguezes cantem
esses versos como os gon-
dolenis de Veneza usam para
os do Dante tambem immor-
tal.

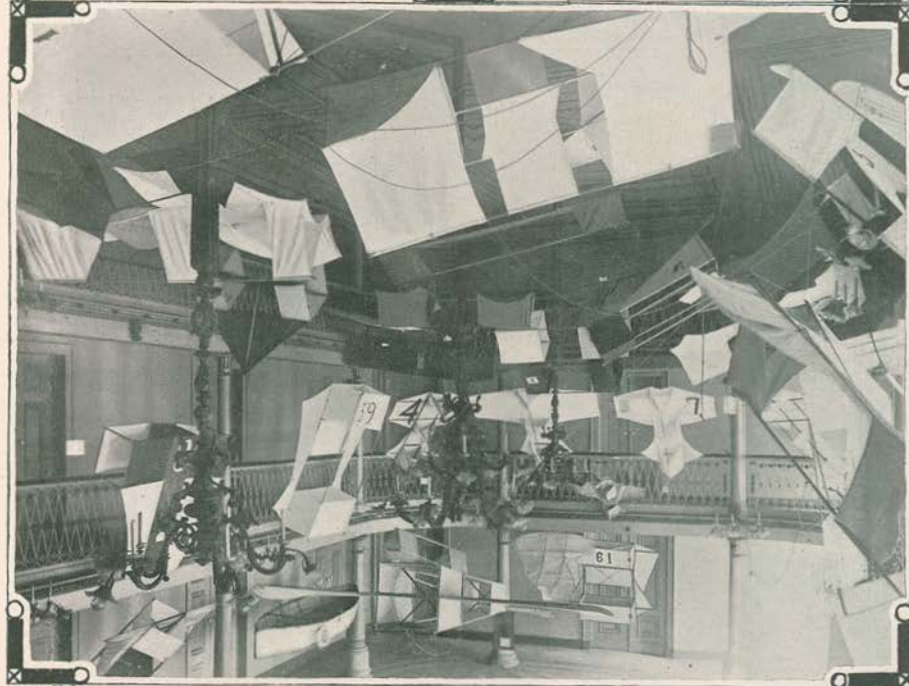
R. M.



Quando o sr. dr. Paulo Falcão que fôra nomeado governador civil do Porto, após a proclamação da Republica, deixou o seu cargo, foi indicado para o substituir o dr. Nunes da Ponte, velho e integro democrata, que a capital do norte de ha muito admira e estima.

A sua gerencia da Misericordia creara-lhe em volta sympathias e impuzera as suas enormes qualidades de administrador; a sua passagem pela Camara Municipal arreigara as sympathias e mais lhe affirmara aquelles creditos.

Por isso ao ser recebida a noticia da nomeação do venerando democrata para a magistratura suprema do districto o Porto o acolheu, como não podia deixar de o fazer, com manifesções do maior jubilo.



1—O novo governador civil do Porto, dr. Nunes da Ponte—(Cliché Biel)
2—A exposição de papagalos organizada pelo Aero-Club portuguez no theatro Nacional (Cliché de Renalici)

FIGURAS E FACTOS



- 1—A homenagem em honra do dr. Manuel d'Arriaga no Colyseu dos Recreios
- 2—A primeira comunhão em Santa Isabel
- 3—As crianças da Escola Marquez de Pombal, na Academia de Estudos Livres
- 4—A casa, na calçada de Sant'Anna, onde, segundo a tradição, morreu Luiz de Camões



Em 12 de junho realizou-se no Campo das Salesias o juramento dos recrutas de cavallaria 2 e 4, decorrendo a cerimonia no meio do maior entusiasmo da parte dos novos soldados que devotadamente vão servir a Republica



- 1—O juramento dos recrutas de cavallaria 2 e 4 no Campo das Salesias, em Belem
- 2—As greves dos trabalhadores ruraes; os trabalhadores das quintas dos arredores de Lisboa no Terreiro do Paço
- 3—A semana d'Armas; Grupo dos concorrentes ao campeonato
- 4—Algumas das creanças premiadas na festa escolar da Amadora e os oradores e promotores da festa
- 5—A direcção do Atheneu Commercial de Lisboa, o presidente da Camara Municipal e mais oradores que tomaram parte na sessão solemne commemorativa do 31.º anniversario da fundação do Atheneu



A Amadora tem-se ido desenvolvendo de dia para dia, a ponto de ser já uma das mais bellas localidades arrabaldinas que a Liga dos Melhoramentos da povoação vae sempre continuando a cuidar esmeradamente. No domingo, 11 de junho, realisou-se ali uma festa escolar promovida por esta collectividade tendo sido distribuidos premios ás creanças e tendo falado sobre a obra de Camões o insigne orador Alexandre Braga, o illustre escritor Julio Dantas, o sr. dr. Azevedo Neves e o distincto poeta Delfim Guimarães.

((Cliches de Benolle))

AS ESTATUAS ADQUIRIDAS
PELO MUNICIPIO PARA DECORAR
OS JARDINS DE LISBOA

Os jardins de Paris como os de Londres estão cheios de estatuas. Uma vez commemoram um grande homem, outras são apenas motivos decorativos. Ou é a consagração que ellas visam, ou a educação artistica do povo. Umhas ensinam a historia litteraria, politica ou religiosa da nação, outras mostram nas suas linhas de belleza todo o poder da graça, do sublime, da arte emfim



1—O despertar— de Simões d'Almeida Sobrinho
2—O cavador— de Costa Motta
(Glicês de Benoliel)



Tem tambem esse habito, de encher os jardins d'obras de valor, o merecimento de fazer com que os artistas recebam indirectamente do Estado ou dos municipios o subsidio que os vae ajudar a uma mais larga iniciativa, que é um impulso e é um consolo. Lá fóra faz-se isso.

A Camara Municipal de Lisboa seguiu tão bello exemplo adquirindo os trabalhos de Costa Motta e Simões de Almeida, Sobrinho: *O Cavador* e *O Despertar*, que serão collocados em jardins municipaes.

Os Homens que Voam...

Este maravilhoso concurso aereo de Paris-Roma-Turim foi cheio de glorias, recheado de incidentes.

Frey, o terceiro aviador que chegou a Roma, teve que se deter no caminho de Pisa por causa d'um nevoeiro cerradissimo; a helice do aparelho partiu-se na descida, assim como um dos flectores das azas do monoplano. N'um tempo relativamente curto se fizeram os concertos indispensaveis e ainda assim coube-lhe a gloria de chegar a seguir a Garros.

O aviador Vidart parece que era perseguido pela má sina. Partindo de Pisa teve que descer em Cecina, onde quebrou a pá do helice, isto depois de lhe ter succedido o mesmo vezes sem conto no percurso.

Vedrines, o grande triumphador do concurso Paris-Madrid, declarou que ia tambem concorrer na ultima parte d'esta prova sensacional, isto é, de Roma a Bolonha e a Turim. Anciosamente se espera a chegada do campeão dos ares que certamente vae ser um terrivel rival




O general Roques despedindo-se do aviador Beaumont (guarda-marinha Conneau) á sua partida de Paris com destino a Roma (2.000 kilometros aproximadamente)




A partida de Beaumont do aerodromo de Buel



Beaumont voando em direcção a Roma, sobre a campina romana
(desenho de Scott na «Illustração Francaesa»)




Todo o mundo se tem interessado por este facto que dá já a impressão do triumpho dos homens nos espaços, da corrida vertiginosa e louca pelos ares, feita n'um certo tempo, passando sobre as montanhas e por sobre as cidades, longe da terra, dominando os ares.





O aviador Frey voando sobre o mar em direcção a Nice

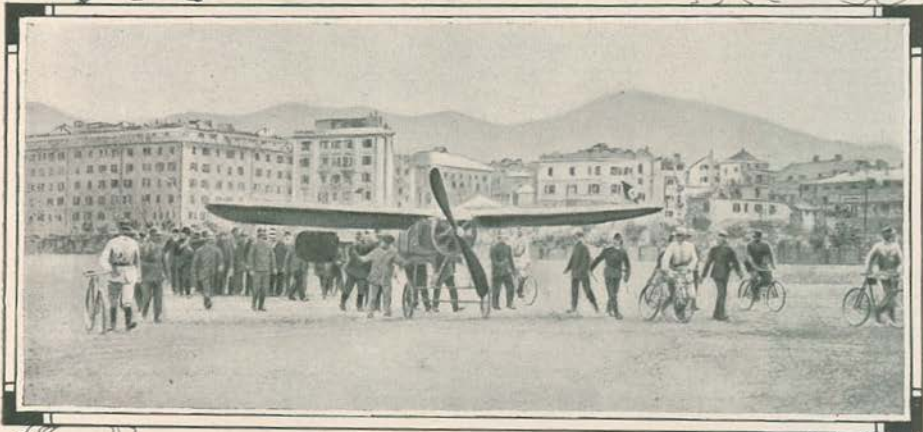



N'este concurso ficaram em varias cidades do percurso aviadores desencorajados ou cujos aparelhos soffreram desastres irreparaveis, desistiram alguns, mas a prova impõe-se magnificamente a marcar as maravilhas do genio do homem.


Os officiaes aviadores Lucca e Hennequin foram victimas de desastres e recolheram ao hospital de Hyeres onde se mostram d'uma grande coragem, declarando o ultimo que deseja recommençar a sua viagem.

Hennequin não o fará porque o seu tratamento é bem mais demorado.

A esse conquistador dos espaços foi-lhe amputada uma das pernas que ficou bastante fracturada na terrivel queda que enlutou o concurso Paris-Roma-Turim.



O aviador Garros partindo de Genova para Pisa



O DERBY D'EPSOM

Este anno o Derby foi como sempre uma festa esplendida a que concorreu toda a Inglaterra desportiva e faustuosa. Jogaram-se fortunas no acaso da corrida sensacional que foi ganha pelo cavallo «Sunster» montado pelo Jockey Stern.

N'um grande impulso a multidão cobriu de applausos o triumphador ao chegar á meta e o cavallo Sunster ficou inscripto no livro d'ouro dos grandes corredores.



(G. chés Dellus)



1—No dia do Derby —o publico dirigindo-se ao famoso hippodromo

2—O cavallo vencedor «Sunster» montado pelo Jockey Stern

3— A chegada á meta do cavallo vencedor



A Tournee Chaby-Colaço e Phoca ao Brasil

Chaby com Jesuina Saraiva, Jorge Colaço e João Phoca vão percorrer o Brazil n'uma «tournee» em que os dois artistas representarão peças ligeiras, comédias monologos e tomarão parte nas conferencias de João Phoca illustradas por Jorge Colaço. Tambem Chaby, que é hoje um dos mais illustres actores portuquezes, não

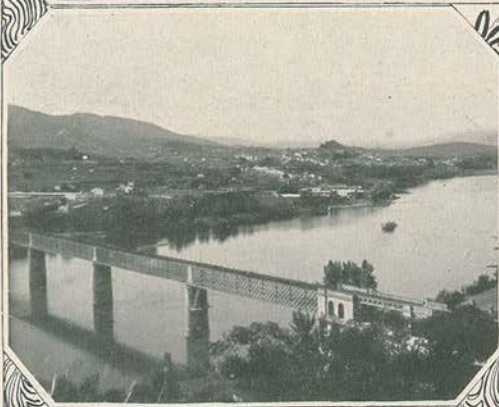


- 1—O actor Chaby Pinheiro
2—O caricaturista Jorge Colaço
3—O humorista João Phoca

deixará de fazer algumas conferencias, cheias de vivacidade e graça, na sua maneira primorosa de dizer que por toda a critica lhe tem sido reconhecida e que o tem consagrado

FRENTE A FRENTE

A EXCURSÃO REPUBLICANA A VALENÇA



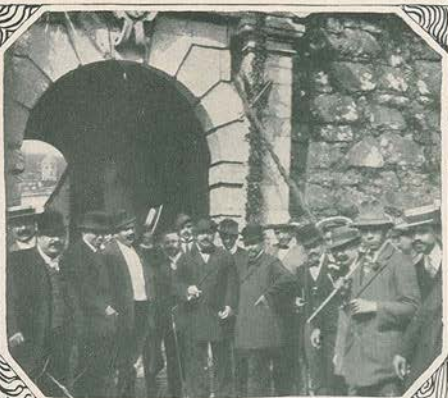
Grande numero de republicanos portuenses fizeram ha dias uma excursão a Valença, a parte portugueza da fronteira ligada pela ponte internacional a Tuy, onde se abrigava então o resto dos monarchicos portuguezes, a terra onde, segundo os boatos que corriam, se preparava a incursão para o restabelecimento do throno.



- 1—A chegada dos excursionistas à estação de Valença
 2—Tuy, a cobientz dos conspiradores, e a ponte internacional sobre o rio Minho

Os excursionistas n'uma manifestação calorosa atiraram para a cidade hespanhola, do sitio da ponte, onde se convencionou acabar a parte portugueza, os seus entusiasticos vivas á Republica n'uma ancia de bem mostrarem as suas crenças

- 3—A manifestação em Villa Nova da Cerqueira, á passagem dos excursionistas
 4—Viva a Republica!



1—O dr. Alfredo de Magalhães, governador civil, discursando da varanda da camara de Valença

aos emigrados

O dr. Alfredo de Magalhães, governador civil de Vianna do Castello, discursou da janella da camara de Valença por entre os applausos dos portuenses que visitaram essa terra da fronteira.

A' ida como á volta os excursionistas receberam manifestações de sympathia nas estações do percurso.

2—O governador civil de Vianna na porta da «Coroada» na praça forte de Valença. 3—Os excursionistas descendo a rua de S. João, em Valença

4—A chegada dos excursionistas á camara municipal

5—O governador civil de Vianna, alguns deputados pelo Porto e a comissão organizadora da excursão—(Clichês de Aurelio da Paz dos Reis)

O CONCURSO DE PECUARIA



Os concursos de pecuaria ultimamente realizados tem servido para o desenvolvimento das raças de gado o que se constata de anno para anno.

Belissimos exemplares se tem apresentado, merecendo todos os elogios os seus creadores assim como os promotores d'esses certamens de reconhecidas e incontestaveis vantagens, agora bem affirmadas.



1—A novilha da raça hollandeza pertencente ao sr. Castanhelha de Moura que obteve o primeiro premio
2—Interior da vacaria Aurea dos srs. Leitão & Cabral a quem pertence uma das vaccas premiadas

3—O touro «Ramalhete» pertencente ao sr. Castanhelha de Moura e que foi premiado com 30 libras em ouro